

Olhar sobre a cidade: meninos e meninas pequenas e seus modos de fotografar e desenhar São Paulo, Brasil

Investigação em andamento com financiamento CNPq – Edital

GT: Infância e juventude

Marcia Aparecida Gobbi

Resumo

Sem querer apresentar uma revisão sobre o tema cidade e infância, essa pesquisa ainda em andamento, procura abordar um ou tantos olhares sobre São Paulo. Afinal, ao discutirmos sobre direito à cidade, sobre atores atuantes ou invisibilizados, onde estão as crianças e seus modos de representar e viver a cidade que é também construída por elas? Como a cidade de São Paulo, em seus tantos contrastes é vista por crianças pequenas? Quantas cidades existirão nesta cidade sob suas representações em desenho e fotografia? Como são seus modos de ver? Neste trabalho, em andamento, o foco central volta-se para as representações imagéticas da cidade criadas por meninos e meninas frequentadores de creches e pré-escolas públicas de diferentes regiões que compõem a cidade de São Paulo.

Palavras chave: Educação infantil, imagens, cidade

Cidade, apresenta-se diante de nossos olhos em suas múltiplas faces, plena de contrastes, exclusão e dinamismo, lutas e conquistas que a modelam e orientam. Lógicas aparentemente ilógicas descortinam-se cotidianamente. São Paulo, cidade vista por muitos olhares, polissêmica que é, constituiu-se como objeto de extensos e fecundos estudos. Moradia, saúde, educação, condições de trabalho, transporte compuseram pesquisas e em muito reverberaram entre estudiosos de diferentes áreas, bem como, entre formuladores de políticas públicas preocupados com diferentes segmentos que a compõem. O tecido metropolitano, de caráter bastante heterogêneo, implica preocupações também diversas, afinal, são vários os atores que definem e são definidos diante e dentro da cidade em suas complexas formas de ver e ser vistos, ou por vezes, invisibilizados.

Entre os estudos voltados para a cidade de São Paulo temos em Maricato (1982), Caldeira (2000) os grandes expoentes quando a preocupação é a segregação e a violência urbana. A espoliação urbana, estudada fartamente por Kowarick desde a década de 1970, concebe a cidade como espaço democrático de debates, e a aponta também como espaço de direito de todos os que nela habitam, sendo vista como direito de todos, como na acepção de Henri Lefebvre, momento em que deve indagar sobre a possibilidade de apropriar-se dela de modo não hierarquizado ou desigual. Ao pensar sobre a cidade entre muros, Caldeira (2000) apresentará os jovens, que encontram-se entre os que mais matam e morrem nas periferias. Pobreza, desigualdade, segregação, luxo encontram-se como temáticas em diferentes percursos de pesquisas e trabalhos intelectuais sobre a metrópole. Mudanças sociais são evidenciadas proporcionando que conheçamos, sob diversos aspectos, o que a cidade nos apresenta e representa para todos os que a constroem.

Sem querer apresentar uma revisão sobre o tema, procura-se abordar aqui entre os sujeitos para os quais as pesquisas foram destinadas aqueles cujo modo de ver encontra-se ainda desconhecido: meninos e meninas com até 5 anos e 11 meses de idade. Afinal, ao discutirmos sobre direito à cidade, sobre atores atuantes ou invisibilizados, onde estão as crianças e seus modos de representar e viver a cidade que é também construída, vista e experimentada por elas. Como a cidade de São Paulo, em seus

tantos contrastes é vista por crianças pequenas? Quantas cidades existirão nesta cidade sob suas representações em desenhos e fotografias? Como são seus modos de ver?

Meninos e meninas experimentam a cidade de diferentes formas. Porém, grande indagação é: o que estão olhando ou vendo quando imersos em meio a tantos sons, ruas e avenidas mais ou menos agitadas, pessoas conhecidas e nem tanto, casas, prédios, lojas, que revelam diversas formas de cidades. O presente projeto tem como foco central realizar pesquisa voltada para as representações imagéticas da cidade criadas por meninos e meninas frequentadores de creches e pré-escolas públicas de diferentes regiões que compõem a cidade de São Paulo. Tem como metodologia de pesquisa a utilização de desenhos elaborados sobre diferentes suportes e fotografias tiradas pelas crianças com idade entre 03 a 05 anos e 11 meses. As fotografias serão tiradas seguindo dois diferentes processos fotográficos: fotografiaspinhole, (fotografia artesanal feita a partir de uma câmera escura, como latas, caixas), fotografias em câmeras digitais. A escolha por ambos refere-se ao desejo de promover formas de ver a partir de câmera digital e fotografia artesanal, o que, acredita-se aqui, proporcionará ricos debates e aprendizagens sobre modos de ver das crianças.

A pesquisa ora divulgada, como já mencionado, encontra-se ainda em andamento entre o grupo de estudos e pesquisas Sociologia da Imagem, artes e infâncias, o que implica apresentar aqui aspectos relativos aos procedimentos metodológicos que estão sendo discutidos e inicialmente empreendidos, bem como, atem-se ao levantamento teórico já empreendido e suas relações com a especificidade da pesquisa. Do ponto de vista metodológico, desafio quando se pesquisa com crianças pequenas, os desenhos são coletados a partir de diferentes propostas e observações, realizados com as pesquisadoras em algumas andanças pelos bairros, em conversas na própria instituição, em escapadelas quando são elaborados independentemente de qualquer sugestão ou contexto provocador de desenhos. Criados sobre suportes diversos, tais como: areia, papéis de gramaturas e tamanhos diversos, paredes com lápis, giz, carvão, canetas. A pesquisa até o momento atingiu as regiões centro-sul e extremo sul da cidade de São Paulo, em especial o bairro de Heliópolis e a aldeia guarani Tenondé-Porã.

Numa perspectiva não adultocêntrica, busca-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento a respeito dos meninos e meninas, especialmente para a elaboração de metodologias de pesquisa com crianças, desenhos e fotografias, suas relações com essas linguagens e tecnologia, tantas vezes presente em seu cotidiano. As especificidades da infância na cidade de São Paulo e a cidade pelos olhares de meninas e meninos constituindo-se como foco da pesquisa, encontra ressonância nos estudos sobre desenhos e fotografias, embora esse último em especial, não esboce preocupações com a infância. Grande preocupação volta-se para a construção de modos de olhar e observar as imagensfotográficas e desenhos criados pelas crianças em seus processos de autoria e que envolvem seleção e busca investigativa por criarfotografias e desenhos.

A produção acadêmica nas áreas de infância em especial Sociologia e Antropologia da Infância têm alcançado destaque e importantes resultados, os debates sobre políticas públicas voltadas às crianças da primeira infância cresceram consideravelmente. Contudo, as pesquisas realizadas no âmbito da Sociologia e da Infância na intersecção com a Sociologia da Imagem têm ainda lacunas a serem preenchidas, afirmaria tratar-se de campo em construção, sobretudo quando se pretende a compreensão das criações infantis. Esta pesquisa pretende conhecer espaços frequentados e inventados/imaginados pelas crianças pequenas, em distintas regiões paulistanas, experimentados sob as mais diferentes formas, criados, recriados e representados.. Acredita-se que pedaços da cidade – como na acepção do antropólogo Jose Guilherme Magnani – são construídos e inventados e vividos também pelas crianças, em lógicas de convívio, de compreensão e uso, de criação de cumplicidade e códigos, de percepção que são delas e que ainda pouco conhecemos.

As Escolas Municipais de Educação Infantil¹ e os Centros de Educação Infantil¹ são compreendidos aqui como pontos de partida, espaços institucionais de educação fundamentais na cidade e na vida da população como direito conquistado, que colaborarão na mediação entre pesquisadoras e crianças. Essa interlocução deve-se ao fato de concebermos as instituições municipais de educação destinadas à primeira infância como imprescindíveis direitos da criança e lugar em que a construção de culturas infantis acontece cotidianamente nas relações entre meninos e meninas e entre estes e adultos/as que o frequentam e o constroem diariamente. Este fato muito contribui para o cultivo de olhar e experiências sobre a cidade, não somente dentro da instituição escolar destinada à primeira infância, como fora dela, no ir e vir cotidiano, em ônibus escolares ou a pé, trazidos pelos mais velhos, familiares ou não, ou em saídas que frequentemente são organizadas pelos adultos/as para as crianças. Deste modo, creches e pré-escolas se constituem naquilo que estamos chamando de local ponto de partida da pesquisa, promotoras, juntamente com outros segmentos sociais, de olhares e experiências na cidade, que serão inventadas e materializadas em imagens fotográficas e desenhos.

CIDADES NA CIDADE: Crianças pequenas e suas representações

Fundamentalmente, a pergunta orientadora da pesquisa que ora se apresenta é: qual é, ou quais são as cidades de São Paulo criadas, representadas, imaginadas e vividas pelas crianças pequenas? Essa questão desdobra-se em outras, imbricadas que estão. Quem são esses meninos e meninas, como representam e constroem os diferentes espaços e pedaços vividos em tantas experiências diariamente, a partir das creches e pré-escolas, que mediam a construção de culturas e tantos conhecimentos destes sujeitos de pouca idade? Quais suas percepções e suas contribuições, como sujeitos que são, na construção da cidade? Como diferentes espaços são representados por elas?

Sabe-se que a infância é uma construção social e histórica. Neste período da vida, meninos e meninas são considerados sujeitos históricos e de direitos, o que constitui formas de estar no mundo manifestas nas relações e práticas diárias por elas vivenciadas, experimentando a cada instante suas brincadeiras, invenções, fantasias, desejos que lhes permitem construir sentidos e culturas das quais fazem parte permitindo-nos afirmar que são ativos, capazes, com saberes diversos, que se manifestam com riqueza demonstrando suas capacidades de compreender e expressar o mundo, colaborando em sua construção não como vasos vazios, como na expressão de Peter Moss (2002), mas, como co-construtoras, numa constante via de mão dupla, nas relações sociais e culturais estabelecidas com todos de idades iguais e diferentes, compreendendo-se as diferenças de classe social, étnicas e de gênero.

A infância, historicamente foi concebida como período de mudez de seus componentes, as crianças eram então compreendidas como mudas da história junto a demais emudecidos tais como mulheres, negros e loucos, Martins (1989). Atualmente a perspectiva de infâncias como construídas social e historicamente, aponta para a compreensão sobre o papel ativo da criança e possibilita perceber que há realidades sociais que só podem ser descobertas, apreendidas e analisadas a partir do ponto de vista das crianças e de seus universos específicos. Elas interagem no mundo adulto, negociam, compartilham e criam culturas, tal como já nos ensinou Florestan Fernandes em sua célebre pesquisa *Trocinhas do Bom Retiro*, realizada nos anos 1940, em São Paulo. Tendo os estudos de Florestan Fernandes como princípio de pesquisas brasileiras que permitem pensar sobre as crianças como construtoras de cultura infantil, acreditamos ser necessário refletir sobre metodologias que realmente tenham como foco suas vozes, seus olhares, suas experiências e seus pontos de vista, objetivando confluir tais conhecimentos àqueles construídos pelos adultos (as) que pesquisam, estudam ou trabalham diretamente com as crianças, naquilo que mais recentemente, podemos passar a chamar de

¹Doravante Centros de Educação Infantil e Escolas Municipais de Educação Infantil serão chamados de CEIs e EMEIs siglas já conhecidas e facilitadoras da escrita e leitura do texto.

culturas infantis, procurando as especificidades de determinadas práticas sociais de meninos e meninas numa perspectiva de cultura compreendida local e globalmente.

Do ponto de vista das metodologias de pesquisa encontram-se vários autores, tais como Soares (2002), Prado (2006, 2011) em busca de construções de práticas metodológicas que evidenciam a presença da criança como sujeito e participante no processo de pesquisa com o intuito de revelar o ponto de vista das crianças quanto aos diferentes aspectos sociais, com isto obtendo maior proximidade com as infâncias ainda tão desconhecidas pelos adultos. Apresentam profundas contribuições para a constituição e ampliação de campos de pesquisa que consideram as vozes das crianças e não só. Acreditando que as crianças são sujeitos de direitos e cidadãs agora, tais concepções nos provocam a pensá-las no diálogo com diferentes linguagens podendo expressar-se utilizando-as em seu cotidiano, ou mesmo, que tais linguagens podem nos servir como fontes fundamentais para que conheçamos mais e melhor meninos e meninas, em seus diferentes aspectos. Destaca-se aqui o desenho e a fotografia.

Captando imagens: crianças pequenas desenhando e redesenhando São Paulo

O desenho, já fartamente estudado pelos campos teóricos da psicologia infantil tem, mais recentemente, conquistado espaço em pesquisas que os consideram artefatos culturais e fontes documentais Gobbi,(1997, 2011 e 2012) Sarmiento (2011), essa consideração deve-se ao fato das crianças serem consideradas como construtoras de culturas. Com isso, indagações frequentes voltam-se pelo desejo de conhecer o que as crianças elaboram e que podem ser considerados elementos, não só, mas também de suas culturas e que apresentam evidências das mesmas. Desenho e, bem mais recentemente a fotografia, tem se constituído como “bons para se pensar”, como diria Levi-Strauss, também sobre a infância e com ela. O desenho apresenta-nos narrativas sobre diferentes contextos e formas de vida, bem como, imaginação e fantasia que são tomadas nas diversas representações.

A fotografia, podemos observar, sobretudo com os estudos de Margareth Mead e Gregory Bateson, tem se inserido como importante recurso nos procedimentos metodológicos de pesquisa e objeto material que pode ser utilizado para investigação social, em especial antropologia e sociologia, em diferentes culturas.. Mais recentemente tem se feito presente em pesquisas com crianças em contextos sociais e culturais, possibilitando, com meninos e meninas compreender espaços, relações, valores, que até então não havíamos percebido nos meios sociais. Como objeto material portador de história, disparador e provocador de memórias, fonte indiciária e expressiva do ser humano, conhecer também os usos sociais dados à fotografia, tal como preconizados por Martins (2009), Bourdieu (2005), torna-se fundamental como ponto de partida para se saber mais e melhor também sobre as infâncias a partir do que elas fotografam.

Afirma-se aqui a importância de considerar as fotografias também como textos imagéticos que informam sobre as relações estabelecidas entre meninos e meninas nos diferentes espaços, com outras crianças e com os adultos, ao mesmo tempo em que informam sobre as próprias meninas e meninos e sua capacidade inventiva de criar imagens fotográficas, fazer escolhas e investigações sobre os assuntos escolhidos. Embora elas nos eduquem, tal como afirma Kossoy (2000, 2007), ainda é perceptível certa dificuldade na aceitação e aplicação das fotografias como campo de investigação na educação, e, em especial, com crianças bem pequenas. As fotos, muitas vezes, ainda são consideradas meras fontes ilustrativas de textos não sendo estabelecido qualquer diálogo entre ambos: imagético e escrito. Nem sempre as imagens podem substituir os textos escritos, porém, podem aliar-se a eles, não se comportando apenas como mero apêndice a contribuir com a escrita, linguagem reconhecida por muitos como mais importante, o que vem sendo refutado em diferentes campos de pesquisa (Martins, 2008 e Novaes, 2009, Samain 2000 e 2012).

Destaca-se que, ao serem concebidas como fontes para pesquisas sobre as infâncias coadunando-as às Ciências Sociais, Educação e Sociologia da Imagem, isso não significa tê-las como

testemunhos empíricos, auto evidentes, ou ainda, percebê-las como algo que daria a ver a sociedade ou sua história e os diferentes elementos contidos nela de forma testemunhal. Fotografia e desenhos são vistos como colaboradores da produção de conhecimento e como tal podem ser tratados como representação social, produto material e segmento de relações sociais evidenciando-as.

Quanto à necessária problematização sobre os olhares que se consideram ou rechaçam as imagens, merece consideração o que propõe Martins (2008) a partir do olhar de estranhamento para com as imagens o que fundamenta, em parte, a forma de vê-la. Compreendidas em nosso cotidiano, nos familiarizamos com elas, dia após dia, que chegamos a ver as imagens sem olhar de fato para elas, não mais reclamam nossa presença, assim como, não nos convocamos para observá-las mais detidamente. Trata-se de promover o cultivo de atitudes críticas em relação às imagens, para que não sejam incorporadas de modo conservador ou mesmo passando a educar os olhos de forma alienada, que pouco investigam as imagens vistas ou o que está ao seu redor no processo de sua constituição. Trata-se de exercício desafiador de estranhar o familiar e familiarizar-se com o exótico, como já nos ensinou DaMatta, (1973). Pode-se inferir que aspectos do cotidiano passam a ser conhecidos sob diferentes pontos de vista, provocando curiosidades e aprendizagens entre aqueles que com elas se deparam e se dispõem à reflexão.

Investigar minuciosamente as fotografias permite conhecer ou levantar hipóteses sobre como as relações sociais estão sendo construídas, tanto pelos fotografados como pelo fotógrafo e tantos outros que, às vezes, anonimamente envolvem-se das mais diversas maneiras com o ato fotográfico. A partir destas expressões imagéticas é possível conversar com as crianças fotografadas e com isso conjugar tais imagens a outras linguagens, compondo narrativas de uma infância que não está em estado de espera daquilo que virá posteriormente, numa expectativa de produzir homens e mulheres prontos, modelos a serem seguidos. Ao contrário, tais estudos e pesquisas se propõem a percebê-los como quem se representa e constrói a si mesmo e aos contextos nos quais estão inseridos no tempo vivido de modo singular e concomitante. Como afirma Almeida (2001), as fotografias são recriações do real, à maneira de quem as faz e, por que não, as vê. Na projeção ou mesmo na exibição das fotos, de modo ritualístico ou como mera exibição de cenas da vida em sequência, aspectos do cotidiano são recriados e aprende-se com eles, numa dinâmica contínua e às vezes pouco percebida por aqueles que estão envolvidos em tais imagens. Há que olhar de modo detido e curioso, perscrutar o que está diante de nós em olhares investigativos.

Não se trata aqui de uma perspectiva segundo a qual desenho ou fotografia possam ser compreendidos como retratos fiéis da realidade, equívoco ainda muito cometido entre nós, ao procurarmos encontrar aspectos fidedignos da realidade nesta forma expressiva. Desavisados, procuramos apaziguar nossos olhares, educados para procurar o que representaria fidedignamente determinadas cenas do cotidiano. Trata-se apenas do que poderíamos chamar de uma verdade iconográfica. É um fragmento que permite, aos olhos sensíveis, refletir e aprender mais sobre os meninos e meninas, capazes e inventivos que esses artefatos são, considerando-os como criações e recriações de diferentes realidades, ao mesmo tempo em que promovem a compreensão sobre modos de ver das crianças envolvidas com a cidade.

Desenhos e fotografias apresentam-se como narrativas culturais criadas também pelas crianças comportando nisto a imaginação e demais elementos do cotidiano. Para compreendermos essas imagens é interessante considerar a comunicação com o grupo social nos quais os envolvidos com essas imagens estão inseridos, levando em conta que os mesmos não estão separados do cotidiano, em qual pedaço da cidade essas crianças estão implicadas num processo constante de criação e recriação do mesmo. Trata-se também de registros, marcas históricas deixadas por todos. Descortina-se um cenário diante de nós como pistas a serem seguidas. Imagens cujas presenças podem ficar retidas na retina, no corpo, nos diversos espaços frequentados pelos meninos e meninas. Ela informa, mobiliza pessoas e mostra aspectos por vezes velados. Em suas narrativas descrevem-se propostas de

brincadeiras, de constituição de cidade e do urbano, tantas vezes excludente, sobretudo quando se trata da infância.

Como construção de modos de olhar a foto e dos usos que posteriormente serão dados à ela pelas crianças e por aquelas que as circundam pode-se considerar o conceito de “circularidade” explicitado por Ginzburg em “O Queijo e os Vermes”(1989),que contempla a ideia inspiradora de compreender a circulação de fotografias, as falas que transcorrem a partir delas como algo que constituirá os indivíduos a partir das imagens veiculadas entre os diferentes grupos sociais, já que propõe uma “circulação” das ideias entre a cultura das classes sociais existentes, entre as diferentes construções sociais dos seres humanos, organizando e reorganizando seu pensamento, sua forma de estar e agir no mundo. Significa dizer que tornam-se plenos de possibilidades, desenhos e fotografias como elementos que devem ser considerados importantes na trama social, como educadoras e frutos de processos educativos que também são. Sendo assim, vale asseverar que não somente como fonte ilustrativa ou dado para se confirmar algo sobre a realidade a fotografia, tanto quanto o desenho, são objetos de análise ao mesmo tempo em que são sujeitos compondo diferentes contextos, reafirmando valores e normas, modos de ver e agir das crianças em sociedade, nos diferentes coletivos infantis espalhados pela cidade.

Desenhos e fotografias elaborados pelas crianças: imagens que evidenciam, ocultam e recriam cidades

Muitas são as pesquisas e as abordagens sobre os rumos e as consequências do processo de urbanização que está em curso, sobretudo em metrópoles como São Paulo e outras nossas conhecidas. No plano da cultura urbana temos a presença da constatada deterioração dos espaços e equipamentos públicos, segregação dos moradores em espaços de confinamento e de violência. Tal visão, presente em diferentes mídias atrai e distancia moradores, constrói e destrói concepções sobre o espaço urbano e as relações sociais neles estabelecidas, numa dinâmica urbana que parece irrefreável ao mesmo tempo em que é fascinante.

As cidades raramente são consideradas quando na perspectiva de meninos e meninas, e ainda menos, quando estes têm pouca idade. Muller (2007) ao pesquisar a cidade de Porto Alegre procurou apresentar quais aspectos são mais relevantes segundo a percepção das crianças em ambientes não escolares a partir de vários encontros com as crianças em diferentes lugares da cidade. Francesco Tonucci, mentalidade fecunda e inventiva, provoca-nos a pensar sobre a cidade como lugar de experiência educativa, passível de estudos empreendidos por meninos e meninas, que discutiram entre grupos sobre as variadas experiências no ambiente urbano. Simpático as vivências infantis, ao discutir sobre o mundo moderno, provoca-nos a pensar sobre o espaço tradicionalmente identificado como perigoso – o bosque, tal como aparece em contos de fadas – sendo confrontado pela cidade que apresenta em suas ruas os lugares de perigo, agressivo aos olhos e ao estar junto. A rua seria uma espécie de substituta do bosque como antigo lugar de perigo que hoje se transformou em espaço idealizado de harmonia, ao passo que a rua, passou a apresentar-se como promotora de inúmeros perigos, sobretudo às crianças e idosos. Espaço de confronto e conflito, prazer e socialização, instigamos saber como as crianças representam estes lugares em fotografias e desenhos e como ao representarem conseguem rerepresentar e criar cidades dentro da cidade, tal como nos faz ver Italo Calvino em Cidades Invisíveis, ou ainda, Ferreira Gullar em Cidades Inventadas.

Breves discussões sobre metodologia de pesquisas com crianças pequenas

Qual ponto de vista deve-se adotar para entender o ponto de vista das crianças no que tange a compreensão e representação da cidade em que vive e, neste caso, da cidade de São Paulo? Pergunta

como essa refere-se a uma concepção de crianças como seres inventivos, criativos e capazes de construir culturas infantis. Modo como meninos e meninas são compreendidos nesse projeto de pesquisa. Desenho e fotografia são compreendidos como artefatos culturais elaborados também pelas crianças e que nos dizem sobre elas, suas representações e representificações, por vezes, desconsideradas no universo adulto. Representificações também porque, conforme Menezes (2004), ao voltar para os estudos da imagem que a relação com a imagem fotográfica poderá remeter a uma representificação, ou seja, não se trata de colocar presente (como na representação), mas, de nos colocar em presença. Coloca-nos em presença de fatos e coisas, relações constituídas pela narrativa da imagem, entre o que mostra e o que esconde. Propõe uma experimentação em relação ao que se olha, exige tomada de posição de quem olha. Ao mesmo tempo, ao colocar em presença desenhos e fotografias permitem observar mais detidamente o que as crianças fazem ver, o que procuram mostrar em seus traços e fotografias.

Considerar meninas e meninos e as culturas infantis implica refletir sobre metodologias de pesquisa que levem em conta suas particularidades, que busquem, entre outras coisas, a compreensão de olhares, jogos, investigações entre elas e com elas. Atualmente várias são as pesquisas em que destacam-se em preocupações com as produções culturais de diferentes faixas etárias. Temos Prado, 2012; Ramos 2011, em estudos que apresentam relações entre bebês e metodologias desafiadoras e pouco convencionais de pesquisa com crianças pequeninas. Muller e Carvalho, 2009; Corsaro, 2010 em pesquisas com crianças maiores; Muller, 2005, Gobbi e Finco, 2010; Gobbi, 1997, 2011, 2012, em pesquisas que se voltam para a compreensão de artefatos culturais como desenho e fotografia, na relação entre crianças e destas com os adultos/as.

Em sua quase totalidade o uso da etnografia tem se apresentado como profícuo, não se tratando mais de “dar a voz” às crianças, mas reconhecendo a necessidade de promover caminhos em que suas vozes sejam ouvidas e compreendidas. A elaboração de procedimentos de pesquisa em que a presença do adulto pesquisador ou pesquisadora em relação estreita com as crianças, compreendendo seus pontos de vista e suas dicas tornou-se ponto fundante em muitas dos estudos e trajetórias de pesquisas, tal como afirma Soares, 2009. As crianças são eminentemente parte da sociedade e do mundo (QVORTRUP, 1993) e vivenciam os acontecimentos de nossa sociedade de acordo com suas especificidades, assim como os adultos, jovens e pessoas idosas. Como são parte da sociedade, todos os eventos, grandes e pequenos, terão procedimentos relacionados às crianças, e, em consequência, elas terão reivindicações a serem consideradas nas análises e debates a cerca de qualquer questão social maior.

Do ponto de vista metodológico em pesquisas com crianças pequenas a fotografia, bem como os desenhos, contribuem por possibilitar outros modos de comunicação, organização e representação do mundo, outras formas de criação e relação com a cidade, naquilo que estamos denominando aqui de elaboração de cidades dentro de uma cidade, em que, meninos e meninas, não são apenas protagonistas, como também autoras de suas fotos e desenhos, considerando que estão apresentando imagens cuja concepção resulta de acurada observação das ocorrências visuais, ao mesmo tempo, em que a câmera torna-se extensão do olho ou da mão, quando no uso da fotografia e mesmo de giz, lápis, caneta, carvão, quando se trata do desenho. O exercício etnográfico empreendido pressupõe acompanhamento intenso do e no local em que se pesquisa, num mergulho em situações e contextos sociais e culturais que por vezes diferem daqueles em que o pesquisador se situa ou tratam de outros com o qual a familiaridade está presente. O exercício constante de estranhamento, em relação a compreensões já naturalizadas, embora fundamental, não é tão simples assim de ser realizado, implicando amplas discussões e formação para que, em campo, seja materializado com rigor e de modo a garantir que a pesquisa aconteça. Com o intuito de apresentar rapidamente o percurso realizado, vale informar que de modo coletivo foi feita a escolha por algumas escolas de educação infantil e centros de educação infantil de rede municipal de ensino das nove regiões que compõem a cidade de São Paulo

Inicialmente estamos consolidando a aproximação entre adulta estranha (pesquisadora) e crianças do local, e posteriormente captar a compreensão e representação sobre a cidade, neste primeiro momento, conhecendo a criança. A elaboração de desenhos e captação de imagens fotográficas é algo bastante mais lento, pois implica um relacionamento de maior confiança e segurança entre todos os envolvidos. Considerados como artefatos, são compreendidos para além de meros instrumentos para saber algo sobre as crianças ou a cidade em que moram. Trata-se de coadunar a esse instrumento a concepção de que desenho e fotografia agregam modos de ver, processos complexos de seleção de imagens a serem captadas, formas de uso da câmera ou dos materiais para desenho. Com a devidaautorização de responsáveis estão sendo empreendidas saídas fotográficas e de desenhos que estão compreendidas em períodos em que as crianças saiam da escola em passeios mais ou menos longos, ou mesmo, em andanças pelas ruas do bairro, o que é bastante comum em CEIs e EMEIs. Serão acompanhadas pelas pesquisadoras responsáveis. Quanto à fotografia inicialmente são propostas conversas sobre o uso de câmeras fotográficas pelas crianças com o intuito de conhecer o grau de familiaridade com o objeto, ao mesmo tempo, saber sobre as formas de uso por aqueles que já conhecem câmeras fotográficas. Essa observação e conversa devem-se também ao desejo de obter imagens com a técnica de captação de imagens sem lentes, o pinhole. Essa proposta exige do pesquisador, não somente o conhecimento da técnica, como também que construa com as crianças formas de ver, de captar imagens e a própria câmera, que será feita com latas em desuso ou caixas duras de papelão. Trata-se de um rico recurso em que o tempo, a investigação do espaço, a revelação, a observação posterior, a indagação sobre as imagens captadas – por vezes distorcidas e muito diferentes do que se objetivava captar – tornam-se enriquecedoras para todos, ao mesmo tempo em que permitem conhecer aspectos da cidade ainda pouco explorados, com resultados estéticos que exigem debate. Temos com a fotografia pinhole ampla possibilidade de discutir e compreender processos investigativos, como também, de refletir sobre modos de deslocamento e visão de mundo, Goveia, 2005.

Quanto às câmeras digitais, a hipótese é que elas são mais conhecidas pelas crianças, o que pode facilitar o convívio, a captura de imagens e o registro fotográfico devido ao manuseio e possibilidades tecnológicas oferecidas. Serão dadas câmeras para as crianças tanto para fotografar dentro das EMEIs e CEIs quanto em saídas fotográficas 8) A análise das imagens – desenhos e fotografias - num primeiro momento será feita junto às crianças que verão os resultados, tanto expostos em power-point , quanto impressas, se possível. De metodologia inspiradora a pesquisa de Pierre Bourdieu exposta no livro Arte Média (2005) afirma que as fotografias engendram questões de classe, gênero, etnia e que as mesmas possibilitam a realização de sociogramas. Ou seja, uma vez expostas, elas permitem conhecer aqueles que as fizeram e as relações que estabelecem: vizinhança, amizade, apegos, brincadeiras, lugares sociais ocupados por uns e outros, espaços prazerosos, de violência, de visitas costumeiras, desconhecidos, entre outros aspectos. Dai mostrarmos e ouvirmos as crianças, tendo nisso, a compreensão de que se tratará de rico momento em que a leitura conjunta das imagens e o que está em seu entorno possa ser feita. Compreende-se com isso, a participação efetiva das crianças na constituição de olhares sobre as imagens, sendo auxiliar do pesquisador, conjugando desenho, fotografia e oralidade. Busca-se com isso, conhecer as imagens também pelos olhos das crianças, como também compreender espaços, lugares despercebidos pelos adultos: cidades na cidade.

A análise dos desenhos e fotografias será feita também, além daquela já realizada pelas próprias crianças, pelas pesquisadoras envolvidas. Sociologia da Imagem e as concepções sobre infância discutidas pela Sociologia da Infância se oferecem como oportunas e ricas fontes a cultivar olhares e práticas sobre modos de ver imagens. Outros recursos e instrumentos de coleta de dados tem sido constituídos pelo uso de caderno de campo para registro pelas pesquisadoras e uso de máquinas fotográficas digitais e pinholes também pelas pesquisadoras como forma auxiliar de registro e que permitirá discutir sobre momentos e atos não percebidos ao longo da pesquisa.

A escolha pelas creches e pré-escolas públicas deve-se ao fato de serem considerados como importantes na confluência cidade-escola oferecendo-se como pontos de partida para o diálogo com as crianças e com as adultas que as frequentam, profissionalmente ou não, configuram-se como lugares em que culturas são construídas e experimentadas cotidianamente. Fotografias e desenhos permitirão, na dinâmica cotidiana, recuperar um olhar de perto e de dentro, como afirmou Magnani (2002). Contrariando as perspectivas que privilegiam forças econômicas, o mercado, investidores e planejadores como fundamentos nas análises sobre a cidade e na construção de representações sobre ela, procura-se estratégias para se conhecer, a partir das crianças e seus múltiplos olhares materializados nas fotografias e desenhos, as cidades por elas criadas e experimentadas e inventadas.

Sem concluir, mas para continuar a conversa

Parece-nos que há tanto por percorrer, e seguramente o caminho ainda exigirá bastante de todos os envolvidos, bem como, apresentará tantas possibilidades. Temática instigante e necessária conjugação entre os estudos da infância, com aqueles voltados para a compreensão de desenhos e fotografia e a fundamental importância de conhecermos representações das meninas e meninos sobre a cidade, ainda que em pequenos espaços/pedaços da mesma tem se transformado em algo muitíssimo rico e enriquecedor para todos/as. Pretende-se contribuir de modo a propor que se conheça, a partir de meninos e meninas bem pequenos, modos de ver e estar na cidade. Formas de criar e recriar mundos, visíveis e invisíveis, que podem apontar saídas para a constituição de outros modos de compreender o lugar em que se está. Ainda, vale considerar que se pretende contribuir com os estudos em que o direito a cidade, em diferentes modos de apropriar-se do urbano, esteja contemplado, discutido e conquistado. Tendo nas crianças, desde bem pequenas, fortes e importantes interlocutoras.

Referencias bibliograficas

ABRAMOVICZ, Anete e OLIVEIRA, Juliana. A sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. IN: Revista do Centro de Educação da UFSM. Dossiê: Infancia e educação infantil. Jan/abril.2010, v.35, nº01.

AGIER, Michel. Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos. Editora Terceiro Nome. 2011.

ALMEIDA, Milton. .Imagens e sons: a nova cultura oral. Editora Cortez. 1994.

BOURDIEU, Pierre. Un arte médio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Editorial Gustavo Gilli. 2005.

BRASIL. Diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento de Educação Básica no Campo. Resolução CEN/CEB, nº 2 de 28 de abril de 2008. D.O.U. de 11/04/2008.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI. Parecer CNE/CEB 20/2009 Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. D.O.U. de 18/12/2009.

BRASIL. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. PNDH. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília.

- CARVALHO, V. C. e LIMA, S. F.(orgs) Fotografia e cidade. Campinas. Editora Mercado de Letras. 1997.
- DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- DA MATTA, Roberto, 1973, "O Ofício de Etnólogo ou como Ter 'Anthropological Blues', Comunicações do PPGAS, 1, Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ.
- FERNANDES, Florestan. As trocinhas do bom retiro. In. Folclore e Mudança social na cidade de São Paulo. Petrópolis. Editora Vozes. 1979.
- FINCO, Daniela. Relações de gênero e as brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. Pro-Posições. Dossiê Gênero e Infância, n. 42, p. 89-101, dez. 2003.
- FINCO, Daniela . Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre as professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero, (Tese de doutorado) Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2010.
- FINCO, Daniela e FARIA, Ana Lúcia Goulart (orgs) Sociologia da Infancia no Brasil. Campinas. Editora Autores Associados. 2011.
- FREUND, Gisele. La fotografia como documento social. Editorial Gustavo Gilli. 1993.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo. In. BRESCIANI, Stella (org.) Imagens da cidade: séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH-SP: Marco Zero: FAPESP, 1994.
- GOBBI, Marcia A. Ver com olhos livres, in: o coletivo infantil. FARIA, A.L.G. (org) São Paulo. Editora Cortez. 2007.
- GOBBI, Marcia A. Olhares de turista aprendiz: Mário de Andrade e os desenhos das crianças. In. Desigualdade social e desigualdade cultural na infância e na juventude. Freitas, M.Cesar de. (org) São Paulo. Editora Cortez. 2006.
- GOBBI, Marcia A. Num Click: meninos e meninas nas fotografias. IN. Martins Filho, Altino e Prado, Patricia Dias. Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas. Editora Autores Associados. 2011.
- HENDRICK, Harry. A criança como actor social em fontes históricas. Problemas de identificação e interpretação. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Org.). Investigação com crianças. Perspectivas e Práticas, Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005, pp. 29-54.
- KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo. Ateliê Editorial. 2001
- KOSSOY, Boris. Luzes e sombras da metrópole: um século de fotografias em São Paulo. In: PORTA, Paula (org.) História da cidade de São Paulo. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.
- LOSACCO, G. e Faccioli, P. Manuale di sociologia visuale. Editora Franco Angeli. Milão. Itália. 2003.
- MAGNANI, Jose Guilherme C. De perto e de dentro. Notas para uma etnografia urbana. IN: Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol.17 no.49 São Paulo Junho de 2002.
- MARTINS, José. de S. Sociologia da fotografia e da imagem. São Paulo. Editora Contexto. 2008
- MARTINS, José. de S.(org) O imaginário e o poético nas Ciências Sociais. Editora EDUSC. Santa Catarina. 2008.

MENEZES, Paulo. O cinema documental como representificação: verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento. IN: NOVAES, Silvia.C. (et alli). Escrituras da imagem. São Paulo. EDUSP. FAPESP. 2004.

NOVAES, Silvia.C. (et alli). Escrituras da imagem. São Paulo. EDUSP. FAPESP. 2004.

22

OSBORNE, P. La fotografia es un campo em expansion:unidad distributiva y forma dominante. In: Green, D. (org) ?Que há sido de la fotografia?GustavoGilli Editorial. Barcelona. 2007.

PRADO, Patrícia Dias. Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. Educação e Culturas Infantis: crianças pequeninhas brincando na creche. 1. ed. São Paulo: Képos, 2012. 176p .

QVORTRUP, Jens. Macro-análise da infância. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Org.). Investigação com crianças. Perspectivas e Práticas, Porto: Edições Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005. p. 73-96.

SAMAIN, Ettiene (org). Como pensam as imagens. Campinas. Editora da UNICAMP. 2012

SOARES, Natália Fernandes. Outras infâncias: a situação social das crianças atendidas numa comissão de proteção de menores. Portugal: Centro de Estudo da Criança, Universidade do Minho, 2001. (mimeo)

SOARES, Natália Fernandes. Infância e direitos: participação das crianças nos contextos de vida – representações, práticas e poderes. Tese (Doutorado) — Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2005.